

A reunificação da península coreana: uma abordagem da visão ocidental

Arquivo científico de Estratégia apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como resolução do item 1 da 1ª questão – Geopolítica – da 1ª Parte – Geopolítica e Estratégia – da Prova Formal 5 do CCEM/CCEM Int 2º Ano.

Rio de Janeiro
2013

RESUMO

A reunificação coreana é uma das questões mais críticas da era pós-Guerra Fria. Não apenas para a península coreana, mas também para os Estados com interesse na região. Os interesses são os mais variados possíveis, envolvendo aspectos políticos, econômicos e de segurança. Dessa forma, como ferramenta para analisar a questão, buscou-se realizar uma abordagem sob o ponto de vista da Coreia do Norte, da Coreia do Sul, do Japão e dos Estados Unidos, participantes das Conversações a Seis. Assim, um processo estável de reunificação poderia significar o surgimento de uma economia avançada e de um sistema político que contribuiria para a paz regional e global, prosperidade e democracia. Nesse sentido, esse estudo analisa a possibilidade de reunificação da península coreana, procurando justificar essa questão com base nas Teorias Geopolíticas, identificando a política do Estado influenciada pelas condições dos espaços geográficos.

Palavras-chave: reunificação, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Teorias Geopolíticas.

1 INTRODUÇÃO

As duas Coreias permanecem os únicos países da arena internacional divididos por um paralelo, imaginário, 38 N, composto por uma zona desmilitarizada, cuja largura é de 4 km para uma extensão de 250 km. De lado a lado, um milhão de soldados vigiam ininterruptamente a fronteira no quadro de prevenção de incidentes que poderia colocar em risco não só a região do Nordeste Asiático como também a estabilidade mundial. A importância geoestratégica marca-se pelo estreito da Coreia, que controla parte do acesso ao oceano Pacífico, além de estabelecer uma ponte de ligação entre o triângulo República Popular da China, Japão e Rússia.

Nesse contexto, a importância da península coreana gera uma questão teórica da possibilidade de se concretizar ou não uma reunificação das Coreias e quais seriam os atores internacionais que estariam favoráveis ou não à mesma; para isso, diversas são as teorias geopolíticas utilizadas para o embasamento das concepções pró ou anti-reunificação.

Unificada durante 1.300 anos, até ser dividida por Estados Unidos e a ex-União das Repúblicas Soviéticas no fim da 2ª Guerra Mundial, a península coreana é uma relíquia dos tempos da Guerra Fria, cortada ao meio pela mais militarizada fronteira do planeta.

A Coreia constituía um único país, dominado pelos chineses. Em 1910, após ser derrotada pelo Japão, a China perdeu o domínio do território para os japoneses, com a conivência de países ocidentais que colonizavam outras regiões da Ásia, incluindo os Estados Unidos.

No entanto após a II Guerra Mundial, em 1945, com a derrota do Eixo (Alemanha, Itália, Japão), os vencedores se reuniram para decidir o que fazer com as possessões coloniais japonesas, entre as quais estava a Coreia, ficando decidido que os Estados Unidos da América e a União Soviética ocupariam temporariamente o país com uma tutela com a zona demarcada de controle ao longo do paralelo 38. O objetivo desta tutela foi o de estabelecer um governo coreano provisório, que viria a ser "livre e independente no devido tempo" (ARRUDA e PILLETI, 2007).

O marco divisório constituído pela fragmentação foi estabelecido durante a Conferência de Potsdam, mais precisamente em Yalta e Potsdam. Foram criadas duas nações autônomas com ideologias geopolíticas contrárias: a República Popular

Democrática da Coreia (Coreia do Norte), com sistema comunista; e a República da Coreia (Coreia do Sul), com o sistema capitalista (MARTINS, 2011).

Com as divergências políticas e sistemas econômicos antagônicos entre as duas Coreias, aliados às reivindicações territoriais, criou-se um cenário de instabilidade, que acabou eclodindo em um confronto armado entre os dois países.

A Guerra da Coreia teve início no dia 25 de junho de 1950, quando tropas militares norte-coreanas, sob o pretexto de violação do paralelo 38° por parte da Coreia do Sul, invadiram o território vizinho. Na realidade, o verdadeiro intuito era unificar o país e estabelecer o socialismo como sistema político. Tropas estadunidenses foram enviadas para auxiliarem a Coreia do Sul no confronto, no qual os chineses deram apoio militar à Coreia do Norte.

Somente em 27 de julho de 1953, através da assinatura do Armistício de Panmunjom, a paz foi estabelecida, haja vista que o acordo manteve a fronteira criada em 1948. No entanto, o conflito continua sem solução definitiva e ainda provoca tensões entre os dois países e também no cenário internacional, principalmente após o desenvolvimento de armas nucleares na Coreia do Norte.

Desde 2003, o programa nuclear norte coreano é tema de reuniões do Grupo dos Seis (Coreia do Norte, Coreia do Sul, Estados Unidos, Rússia, China e Japão). Entretanto, as discussões foram interrompidas em 2009, depois que a Coreia do Norte abandonou as conversas devido às sanções internacionais impostas ao país após novo teste nuclear.

Em função do exposto, verifica-se que a região da península coreana possui desde meados do século XX grande importância estratégica no cenário internacional, quer por sua localização geográfica quer pelo envolvimento de vários atores mundiais que direta ou indiretamente possuem interesses diversos na região; fazendo com que a possibilidade de reunificação seja assunto abordado no contexto do novo mundo multipolar, tema esse que será abordado no presente artigo científico, utilizando-se as Teorias Geopolíticas como base para justificativas abordadas.

2 METODOLOGIA

O artigo científico empregou o método da pesquisa qualitativa, na medida em que contemplou a subjetividade e esteve fundamentalmente baseado em relatos,

análises, na história e em documentos a respeito do objeto de estudo (VERGARA, 2009).

Durante o trabalho de pesquisa, foi utilizado o método descritivo, tendo em vista que foram detalhados fatos ocorridos, procurando-se relacionar a variável independente “Teorias Geopolíticas” com a variável dependente “a possibilidade de reunificação da península coreana” (VERGARA, 2009).

Outro tipo de pesquisa empregado foi a explicativa, já que se buscou esclarecer a possibilidade de reunificação ou não da península coreana, justificando-se tal fato em algumas Teorias Geopolíticas, assim como também foram utilizados alguns fatores políticos, econômicos, psicossociais e militares para auxiliar na justificativa.

Para o embasamento teórico do trabalho, foi empregada a metodologia de pesquisa bibliográfica, porque se baseou na investigação sobre fatos que pudessem mostrar a visão de alguns atores internacionais com relação a uma possível reunificação ou não da península coreana, utilizando-se também Teorias Geopolíticas existentes para ajudar nas justificativas para a hipótese levantada, tendo o estudo sido desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, ou seja, material acessível ao público em geral. (VERGARA, 2009).

Para a conclusão desse trabalho, foi necessária uma investigação criteriosa de fatos ocorridos em um passado recente assim como Teorias Geopolíticas Clássicas e Contemporâneas, caracterizando o emprego de uma pesquisa histórica (VERGARA, 2009).

Para a realização do estudo proposto, considerou-se como o universo todos os Atores Internacionais que de maneira direta ou indireta estariam interessados na reunificação ou não da península coreana. No intuito de reduzir os elementos a serem analisados, as pesquisas foram baseadas em uma amostra que foi reduzida a quatro países participantes das Conversações a Seis: Coreia do Norte, Coreia do Sul, Estados Unidos da América e Japão.

Essa pesquisa iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica na literatura (livros, jornais, artigos, internet, teses e dissertações) com dados pertinentes ao assunto. Nessa oportunidade, foram levantados os posicionamentos de alguns atores (Coreia do Norte, Coreia do Sul, Estados Unidos da América e Japão) em relação à

unificação ou não da Península Coreana, sendo levantadas também as Teorias Geopolíticas que justificavam as posições assumidas por esses atores.

As conclusões decorrentes das pesquisas bibliográficas e de campo permitiram estabelecer a relação entre as posições dos atores internacionais anteriormente citados e as Teorias Geopolíticas que justificam suas posições.

Em decorrência da natureza do problema desse artigo científico, foi escolhida a abordagem fenomenológica, a qual privilegia procedimentos qualitativos de pesquisa. Nas pesquisas realizadas sob o enfoque fenomenológico, o pesquisador preocupa-se em mostrar e esclarecer o que é dado (GIL, 2008).

Assim, foram utilizados três métodos de pesquisa distintos para o tratamento dos dados. Inicialmente, foi empregada a análise de conteúdo, que, para Vergara (2008, p. 15), é “uma técnica para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema”. Dessa forma, foram identificadas as posições dos atores internacionais, Coreia do Sul, Coreia do Norte, Estados Unidos da América e Japão, em relação à unificação ou não da Península Coreana, justificando-se essas posições em função das Teorias Geopolíticas.

Posteriormente, a histografia foi utilizada visando o resgate dos acontecimentos e das ações realizadas pelos atores globais já descritos anteriormente, desvendando e compreendendo as mudanças, as contradições e as tendências da realidade social, tudo associado à hipótese levantada de uma integração ou não da Península Coreana.

Por fim, foi feita uma triangulação dos dados obtidos na literatura compulsada e na histografia realizada, no intuito de atingir o objetivo geral desse artigo científico.

Como o método escolhido para o desenvolvimento do artigo científico se baseou na pesquisa qualitativa, descritiva, explicativa, bibliográfica e de campo. O mesmo pode ter sido influenciado de maneira negativa, na parte da pesquisa qualitativa, tendo em vista a existência de subjetividade nos conteúdos trabalhados ainda que pese a justificativa dos conteúdos terem sido baseadas em Teorias Geopolíticas.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Desde o fim da 2ª Guerra Mundial muito se discute a respeito da reunificação da península coreana e dos esforços nesta direção. No Comunicado conjunto Norte-Sul, assinado em Pyongyang em 1972, foi afirmado que esta reunificação não só poderia ser realizada de forma pacífica, como poderia também ser concluída com esforços independentes de ambas as partes.

Estes esforços vem se repetindo desde então. Em 5 de Julho de 2000, o Comunicado Conjunto Sul-Norte, também assinado na capital Norte Coreana, acordou que as duas nações iriam trabalhar de forma a constituir uma federação. Este acordo, apesar de reafirmado em outubro de 2007, não avançou e as duas nações permanecem divididas.

Bae (2010) em seus estudos fez uma análise das possíveis formas de unificação ou reunificação de nações, levantando como uma possibilidade a absorção de uma das partes pela parte mais capaz; este tipo pode ser apresentado de forma concreta com o exemplo da Alemanha em 1990. Para que ocorra esta modalidade de reunificação/unificação há necessidade do colapso de uma das partes, sendo a mais provável de acontecer no caso coreano.

A BBC em 2008 escreveu o artigo “*Sunset for Korean Sunshine Policy*” no qual destaca que a Coréia do Sul tem, na maioria das vezes, adotado a posição de liderança para ações de reunificação. Uma das principais ações nesse sentido foi o lançamento em 1998 da chamada “*Sunshine Policy*” pelo então presidente sul coreano Kim Dae Jung, que visava traçar medidas para aproximação dos países, política e economicamente. Porém com a realização de testes nucleares por parte da Coréia do Norte, em 2006, o processo foi decaindo até que em 2008 o governo sul coreano cessou os esforços de reaproximação até que a Coréia do Norte resolvesse o impasse.

Moon (2010) de forma realista demonstra que a Coréia do Sul tem uma das maiores economias do mundo, com grande sucesso e dinâmica; enquanto por outro lado, a Coréia do Norte apresenta uma das menores economias. Esta grande disparidade entre as duas Coréias reforça a tese de que a absorção seria talvez a melhor forma de reunificação.

A grande questão suscitada na reunificação por absorção, levantada pela revista alemã Der Spiegel (2000), seria o custo desta reunificação, estimado em 3 trilhões de dólares. Colocando em dúvida a capacidade da parte sul em arcar com todos os gastos necessários, considerando-se ainda a elevação do “*Gap*” sul-norte,

a cada dia que passa. Funke e Strulik (2002) também levantaram que a questão econômica será o grande limitador, comparando com o que ocorreu nas Alemanhas, onde levam a crer que a Coréia do Sul deverá despender mais de 50% de sua arrecadação, caso queira alcançar uma paridade que torne viável a reunificação.

Ainda Funke e Strulik (2002) calculam que a Coréia do Sul terá uma grande retração de sua economia, e que o auxílio de aporte estrangeiro seria certamente de grande valia para o sucesso da reunificação, evitando que a economia do sul venha a sofrer uma abrupta queda em seu crescimento. Este seria o fator que mais restringiria um auspicioso processo de reintegração da península, pois o desequilíbrio econômico poderia criar uma grande desestabilização social no lado sul da península.

Ji (2001) deixa claro que o governo comunista da parte norte da península não quer abrir mão do seu sistema socialista, pretendendo expandir o mesmo em direção ao sul. A tentativa mais clara de executar esta expansão em direção ao sul foi em 1950, na Guerra da Coréia.

Koh (2000) aborda que após o fracasso na reunificação através da força, na década de 1960, a Coréia do Norte tentou novamente a reunificação, mas adotando a estratégia de incitar a revolução em território sulista. Ao mesmo tempo, o Norte propôs a criação de uma federação, onde cada um manteria seu sistema político como forma de iniciar um processo de reunificação total.

Kim (2000) anota em seus estudos que a porção norte da península, apesar de consciente de que não seria possível estender seu sistema socialista para o sul, nunca pretendeu abrir mão dele, já que sua manutenção representa a perpetuação da Dinastia dos Kim, que atualmente é a única fonte da coesão do norte, segundo afirma Koh (2000).

Apesar do grande interesse em manter seu sistema ideológico socialista, Harlan (2011) mostra que o governo do Norte vive um momento de abalo em suas estruturas políticas, pois a recessão econômica, a fome, e a diminuição do suporte decorrente do fim da União Soviética em 1991, fizeram com que o governo se visse obrigado a aceitar ajuda humanitária, demonstrando uma nítida violação de suas ideologias de isolamento. Ainda Sang-Hu (2010), faz notar que estas condições severas fizeram com que um povo que permanecia pacífico e sem reagir, passasse a pedir por reformas, o que culminou em 2009 com reformas econômicas, demonstrando claramente um enfraquecimento do sistema socialista do norte.

Não somente as Coreias são os países interessados na questão que envolve a reunificação, existe ainda, segundo Martins (2011), a participação direta ou indireta de Japão e Estados Unidos como grandes atores mundiais, com o viés mais ocidental, envolvidos na questão da Península Coreana. Estes interesses abrangem as questões política, econômica e de segurança, que podem ser óbices ou vetores positivos dentro deste longo processo.

A posição japonesa acerca da reunificação foi muito bem abordada por Bedeski (1995), onde apresenta como fator primordial o interesse japonês em ver a Coreia florescer como economia regional permitindo contrabalançar o rápido e agressivo crescimento chinês; considerando assim a península coreana uma barreira entre a nação japonesa e as potências da Ásia continental. Uma grande limitação deste relacionamento entre o Japão e as duas Coreias foi levantada por Pan (2005), e trata da questão histórica da ocupação da península coreana pelos japoneses, que provocou feridas até hoje não cicatrizadas e limita uma reaproximação entre as partes.

Apesar do afastamento político que existe entre o Japão e as duas Coreias, Eberstadt (1997) traz à tona a questão de que o Japão poderá fortalecer a sua posição de maior parceiro comercial coreano, e que no caso de uma reunificação estará disposto a investir de forma substancial na reconstrução das infraestruturas, no suporte econômico e no projeto de desenvolvimento dos dois países.

Por outro lado, Martins (2010) alega que apesar de o Japão defender oficialmente a reunificação, receia este processo em virtude do provável fortalecimento militar da Coreia, principalmente no que concerne à questão envolvendo a capacidade de dissuasão nuclear. Ji (2011) afirma ainda que caso eclodisse uma agressão nuclear por parte da Coreia do Norte, o Japão seria um dos primeiros alvos, isso não só pelo ressentimento existente, mas também pelo fato de os Estados Unidos possuírem tropas estacionadas em território japonês.

Indubitavelmente, como maior potência econômica e militar do mundo, os Estados Unidos tem especial interesse em qualquer tipo de acordo envolvendo tanto a Coreia do Norte, como a Coreia do Sul e que venha a levar a uma possível reunificação. Neste sentido Lee (2008), foi feliz em abordar a estratégia geopolítica adotada pelos americanos nas questões envolvendo a reunificação da península. Lee busca através de seu estudo abordar os dilemas econômicos e militares que

influenciam o posicionamento americano ante a possibilidade de uma reunificação coreana.

O envolvimento econômico dos Estados Unidos na questão da reunificação foi apresentado pelo estudo estatístico do *US Census Bureau* de 2011, o qual levantou que as duas Coreias eram os países que mais recebiam suporte financeiro dos americanos (cerca de 6 bilhões de dólares anuais), o que representa quase 18% de toda ajuda econômica que o país dá a nações estrangeiras. Na justificativa do orçamento apresentada ao Congresso americano para o ano fiscal de 2012 pelo Departamento de Estado, o aporte solicitado foi de 432 milhões de dólares, demonstrando assim a enorme relevância que o governo americano dispensa a esta questão.

Wang (1999) analisa que os efeitos em curto prazo relativos ao alto custo do apoio à reunificação coreana terão efeitos muito positivos em longo prazo, visto que após a turbulência do período de transição de dois países para uma única Coreia unificada, este único país terá uma das mais fortes economias da Ásia. Assim sendo, os Estados Unidos poderão se tornar o principal parceiro econômico desta nova potência asiática, fortalecendo assim a sua influência na região e contrabalançando o poderio chinês.

Acerca da questão dos interesses políticos envolvidos na reunificação, estudada por Coghlan (2008), o aspecto foi mais ressaltado foi o desejo americano de manter sua influência nas decisões tomadas no Leste da Ásia, tendo na Coreia unificada uma aliada estratégica na região.

Os interesses militares americanos na região estão explicitados nos estudos de Shaplen e Laney (2007) e de Eberstadt (1997), que apresentam o poderio militar na região do Leste Asiático como sendo a principal força americana para projeção de poder estratégico na área. Os autores defendem que este poder militar é o grande responsável pela manutenção da influência americana e também por prover o atual nível de segurança na região, o que permitiria às Coreias focar suas energias na questão da reunificação, deixando a cargo dos americanos a questão da segurança. Esse poderio militar americano está suportado por duas bases principais, uma na Coreia do Sul e outra no Japão, além de possuir a sétima frota estacionada neste país.

Por fim, Gregory (2013), nos deixa uma indefinição no ar, se será ou não possível uma reunificação coreana, pois existem diversos interesses ligados, não

somente por parte do Norte e do Sul, mas o mais importante é de quem irá arcar com as despesas no final do processo. Gregory afirma que existem aspectos positivos e negativos da reunificação, e que muito mais do que uma questão política, econômica e de segurança, existe uma abordagem de equilíbrio geopolítico de poder na região.

Com suporte nas teorias geopolíticas clássicas e contemporâneas, apresentadas por Bonfim (2005) e Mafra (2006), buscou-se justificar a possibilidade da reunificação da península coreana, por meio dos seus postulados e pensadores.

Segundo a teoria do poder perceptível de Ray Cline, o país que tenha mais capacidade de impor suas vontades políticas e econômicas, seria aquele que teoricamente teria maior poder perceptível. Para mensurar este poder, ele adotou uma fórmula onde a soma dos fatores massa crítica (população e território) e capacidade econômica e militar, é multiplicada pela soma da vontade política com o objetivo estratégico, hierarquizando assim as nações conforme o valor de seu poder perceptível.

Ratzel, em sua abordagem teórica sobre a definição de Espaço Vital (*lebensraum*), compara o Estado a um organismo vivo que está em constante crescimento e por isso necessita se expandir, pois espaço é poder. Mackinder e Houshofer, outros dois importantes pensadores geopolíticos, também adotam esta teoria para direcionar seus trabalhos, mas é Kjellén quem, em 1899, cria o termo geopolítica, descrevendo o Estado como organismo vivo. Estes teóricos deixam claro que esta expansão não só se refere a necessidade de território, mas também de aumento de suas esferas de influência política e econômica.

Em Choque das Civilizações, Huntington diz que os conflitos nesse novo mundo não seriam essencialmente ideológicos, nem mesmo econômicos, mas fundamentalmente culturais. As nações-Estado continuarão a ser os agentes mais poderosos nos acontecimentos globais, mas os principais conflitos ocorrerão entre nações e grupos de diferentes civilizações. Nesse sentido, Huntington identificou nove civilizações: a Ocidental, Islâmica, Sínica ou Confuciana, Budista, Latino-americana, Japonesa, Ortodoxa, Hindu e Africana.

Spkyman (1942) foi preciso ao criar a Teoria da Fímbrias, onde baseando-se na teoria do poder terrestre de Mackinder, após a conquista do coração do mundo pela sua contraparte, era necessária a ocupação das bordas (Fímbrias) pela potência ocidental (EUA), a fim de conter esta progressão do pensamento comunista para o

restante do mundo, garantindo assim a manutenção de sua esfera de influência, através de uma geoestratégia da contenção.

4 DISCUSSÃO DA LITERATURA

4.1 A ABORDAGEM DA CORÉIA DO SUL EM RELAÇÃO À REUNIFICAÇÃO DA PENÍNSULA COREANA

A Coréia do Sul é, provavelmente segundo BAE (2010), o país mais interessado na questão que envolve uma possível reunificação dos dois lados da península coreana. Este interesse está intimamente ligado à questão da sobrevivência da Coréia do Sul, com sua economia, sistema político e social, possibilitando assim o surgimento de uma potência regional na área do leste asiático, dentro de um ambiente de estabilidade política e econômica.

O posicionamento da Coréia do Sul ficou nítido com a criação de um ministério da reunificação, criado em 1969, para manejar questões que envolvam a reunificação do norte e sul. Este ministério tem a função de proporcionar um canal de comunicação intercoreana, além de conduzir trocas e cooperação econômica entre os dois Estados, permitindo a criação de políticas de longo prazo, com a finalidade de possibilitar que o processo de reunificação ocorra de forma efetiva e duradoura.

Em 1998, o governo sul-coreano lançou a política do raio de sol (*Sunshine Policy*), que consistia em ações concretas de aproximação política com norte. Esta política tinha três objetivos principais, que eram: tolerar as provocações não armadas vindas do norte; que o sul não tentaria absorver o norte e que o sul buscava sempre a cooperação, demonstrando assim que não pretendia minar o governo norte-coreano.

A *Sunshine policy* trouxe como frutos a criação de uma zona comum de turismo em Kumgang e do parque industrial de Kaesong. Estes dois empreendimentos foram de grande valia nas tratativas intercoreanas de reaproximação, criando condições favoráveis para o incremento da economia do norte, assim como abrindo um canal para o fluxo de apoio humanitário para amenizar os efeitos da crise econômica pela qual a Coréia do Norte vinha passando.

Apesar de todos os esforços de reaproximação política e do apoio financeiro que a Coréia do Sul prestou ao Norte, em 2006 todos os esforços foram

interrompidos após a realização de testes com mísseis nucleares pelo governo norte-coreano. O rompimento das ações em direção a uma possível reunificação gerou grande desgaste do governo sul-coreano, diminuindo assim a possibilidade de um real passo em direção à criação de um único Estado na península.

A população do lado sul da península teve aumentado o seu grau de nacionalismo em virtude do grande crescimento econômico alcançado a partir da década de oitenta e que alçou a República da Coreia para a posição de 15ª maior economia do mundo em 2012, segundo Moon (2010). Este nacionalismo crescente limita que a sociedade da Coreia do Sul esteja disposta a aceitar ajuda de países como os Estados Unidos para um possível financiamento do processo de reunificação, prejudicando os esforços governamentais no sentido de lograr êxito em financiar o equilíbrio social e econômico entre o Sul e o Norte.

Conclui-se parcialmente, que existem condicionantes que facilitam um possível processo de reunificação da península coreana do ponto de vista do governo da República da Coreia. Pode-se visualizar que a reunificação peninsular das Coreias tende a ser liderada pela República da Coreia, pois a mesma, segundo a teoria de Ray Cline, possui um maior poder perceptível, capacitando o mesmo a impor suas vontades tanto no contexto político, quanto no econômico.

4.2 A ABORDAGEM DA CORÉIA DO NORTE EM RELAÇÃO À REUNIFICAÇÃO DA PENÍNSULA COREANA

A Coreia do Norte possui um dos sistemas de ideologia comunista mais fechados do mundo. O isolamento norte-coreano faz com que o país tenha grandes dificuldades econômicas em virtude de seu limitado comércio exterior, dificultando um potencial crescimento de sua economia e, por conseguinte apresentando um dos mais baixos IDH do mundo, tornando assim a reunificação uma das melhores soluções para resolver a crise econômica que persiste no país.

A partir do início da década de 1990, com o esfacelamento da Ex-União Soviética, a República Popular da Coreia perdeu a sua maior fonte de recursos financeiros. Harlan (2011) comenta que, paralelo a isto o país passou por uma série de desastres naturais e enfrentou a má gestão da economia, resultando em uma grave crise em sua produção de alimentos, sendo forçado a buscar apoio de atores

anteriormente considerados inimigos, tais como Estados Unidos e Coréia do Sul, abrindo assim precedentes que poderiam facilitar uma reunificação da península.

O governo, conforme descreve Kim (2000), exerce forte controle sobre o povo no lado norte da península coreana, graças ao importante papel de Kim Il-sung, considerado o “presidente eterno da república, na criação do Estado socialista”. Entretanto, seus descendentes Kim Jon-il (filho) e seu neto e atual presidente Kim Jong-un não tem conseguido manter o mesmo controle social e o mesmo carisma, e por isso, afirma Sang-Hu (2010), a população vem contestando as ações governamentais, criando oportunidades para que a reunificação das Coreias torne-se possível pela perda do poder centralizador do governo.

A República da Coréia do Norte sempre foi considerada como um Estado tampão por parte das potências mundiais e foi apoiada em seu programa nuclear pela Ex-União Soviética. Atualmente o país utiliza seu arsenal nuclear para chantagear as potências ocidentais, exigindo apoio financeiro e ajuda humanitária como forma de minimizar os efeitos da crise econômica e política pela qual o país passa desde a década de 1990, dificultando assim a aproximação entre as duas Coreias.

A ideologia *Juche*, que pode ser traduzido como espírito de autossuficiência, apesar de negar o viés comunista/socialista, é responsável pelo suporte a um governo autoritário e controlador. O criador da doutrina *Juche*, Kim Il-sung, traçou como programa de Estado a expansão da revolução ideológica rumo ao sul para a criação de um grande Estado do povo, que englobasse a Coréia do Norte e do Sul sob um único governo, criando assim um obstáculo para a aceitação da população do sul, rumo a uma possível reunificação, assim descrito por Kim (2000).

Pode-se concluir parcialmente, que apesar das limitações econômicas e do desgaste do governo comunista do Norte, o mesmo direciona as conversações sobre a possibilidade de uma reunificação coreana, no sentido de que a ideologia do Norte deva prevalecer sobre a do Sul, e usa para isto o poder de coerção militar, suportado principalmente por seu arsenal nuclear, transparecendo assim uma forte tendência da adoção da teoria abordada por Ratzel, de que o estado necessita de espaço vital e de recursos para sobreviver, não só na questão do domínio da terra, mas também considerando as influências nos espaços político e econômico.

4.3 A ABORDAGEM DO JAPÃO EM RELAÇÃO À REUNIFICAÇÃO DA PENÍNSULA COREANA

Dentre os interessados indiretos na questão da reunificação coreana, o Japão, segundo Bedeski (1995), tem sua posição fundada principalmente na questão de sua segurança, pois os norte-coreanos constantemente ameaçam o arquipélago com um ataque de mísseis nucleares, conforme Ji (2001). Estas ameaças são geradoras de instabilidade na região leste asiática.

Outra importante questão é em relação ao ressentimento existente em ambas as Coreias a respeito do tempo em que o Japão ocupou a península militarmente, conforme Pan (2005). Durante este sombrio período, o império japonês adotou uma postura agressiva que subjugou os coreanos, ignorando os direitos humanos e sociais daquele povo, e abriu feridas que geram tensões políticas até os dias atuais, dificultando uma aproximação japonesa com os governos coreanos.

Além de sua segurança, o Japão se preocupa em expandir sua área de influência econômica, e segundo Eberstadt (1997), apoiando financeiramente as ações que levarão a uma reunificação, o Estado japonês consolidará sua posição de maior parceiro comercial de uma Coreia reunificada. Este apoio, focado para a parte de infraestruturas, permitirá que o capital interno da Coreia possa ser investido na questão social, para diminuir o Gap entre norte e sul, ajudando na criação de uma única Coreia, como importante parceiro comercial na região.

A reunificação coreana, por outro lado, mais do que criar um parceiro comercial de vulto, poderia criar um adversário não só econômico, mas fundamentalmente militar, que ao invés de garantir a tão sonhada estabilidade para o Japão, conduziria a um aumento das ameaças através da dissuasão nuclear. Por esta razão o Japão adota uma postura de cautela em apoiar de forma incondicional este processo, segundo atesta Martins (2011), impossibilitando uma real ação no sentido de se unificar a península coreana.

Pode-se concluir parcialmente, que há uma expressão japonesa no sentido de que a península coreana continue a ser uma barreira de contenção entre as potências militares e econômicas continentais (Rússia e China) e o Japão, porém existe conforme a teoria do choque das civilizações de Huntington, a tendência de que os ressentimentos do passado gerem consequências negativas para a

civilização do Império do Sol Nascente, criando ao invés de um parceiro, um adversário poderoso, posicionando o Japão contra a unificação peninsular.

4.4 A ABORDAGEM DOS ESTADOS UNIDOS EM RELAÇÃO À REUNIFICAÇÃO DA PENÍNSULA COREANA

A maior potência da atualidade, os Estados Unidos, apesar de ter diminuído sua prioridade em relação ao extremo oriente, continua a dar significativa atenção à questão da reunificação coreana, pois até 2012 os dois países ainda eram os que mais recebiam suporte financeiro americano, conforme relatório do *US Census Bureau*. Este aporte financeiro demonstra que ainda existe um grande interesse americano pela manutenção de uma estabilidade regional, propiciando um ambiente favorável para o prosseguimento de um processo de reunificação entre Norte e o Sul da península Coreana.

Os Estados Unidos (EUA) veem a reunificação coreana como uma grande possibilidade de ampliação de sua influência na região. Esta influência está distribuída nas áreas militar, econômica e política, conforme Coghlan (2008). Sendo assim um processo liderado pela Coreia do Sul seria favorável aos interesses Yankes, permitindo assim um maior apoio americano em direção a uma efetiva reunificação.

A questão militar é contundente quando verificamos que os Estados Unidos tem estacionados na Coreia do Sul 38 mil militares, conforme exemplificam Shaplen e Laney (2007) e de Eberstadt (1997). Este poderio, aliado a presença da 7ª Frota do Pacífico dá suporte para que a influência americana seja imponderável na região, bem como a uma política de contenção do crescimento da influência de países como China e Rússia, levando o governo dos EUA a se interessar pela criação de uma Coreia unificada.

Em contrapartida, a crise econômica mundial traz à tona a questão da real necessidade de os Estados Unidos apoiarem este processo de reunificação, em detrimento da manutenção da estabilidade interna e de estimular a economia americana, pois segundo o Orçamento 2012, este aporte ficou em mais de 432

milhões de dólares, diminuindo o apoio da opinião pública nacional para uma possível interferência americana no processo de reunificação coreana.

Esta dicotomia do posicionamento americano, bem abordada por Lee (2008), cria uma sensação de impossibilidade da continuidade do processo de reaproximação do Norte com o Sul. Além disso, a postura americana de colocar a Coreia do Norte no rol dos países considerados do Eixo do Mal faz com que o lado norte veja a interferência Yanke como uma real agressão ao seu sistema político, afastando ainda mais a possibilidade de que a reunificação seja um processo por si só simples.

De forma parcial, conclui-se que, a peça mais importante neste tabuleiro, é o interesse americano, pois no campo econômico tem potencial para investir na reunificação apesar da dicotomia interna entre as Coreias, e no campo político e militar o desejo para a paz regional, com a contenção da influência chinesa e russa na região. Spikyman ajuda a entender este posicionamento americano, através de sua visão abordada na teoria das Fímbricas, mostrando que a península coreana é uma importante barreira protetora dos interesses americanos no extremo oriente.

5 CONCLUSÃO

A questão da reunificação da península coreana permanece como uma das situações mais sensíveis dentro do contexto da segurança e estabilidade de um mundo globalizado. Os interesses a respeito de uma possível reunificação são os mais variados possíveis, estando envolvidos aspectos políticos, econômicos e de segurança propriamente dito. Além disso, vários atores regionais e mundiais tem participação direta ou indireta neste processo, que representa o resíduo da Guerra Fria que se arrastou durante a segunda metade do século XX.

A abordagem ocidental das vantagens e desvantagens dessa possível reunificação da República Democrática da Coreia com a Coreia do Sul objetivou demonstrar de forma límpida e direta se a reunificação seria ou não uma questão que pudesse modificar o perfil geopolítico do extremo oriente asiático e também das esferas de influência dos grandes atores no tabuleiro mundial. Esta afirmação está baseada no fato de que Rússia e China permanecem sendo um tabu no que diz respeito às suas políticas voltadas para as relações internacionais.

Cada um dos países apresentados ao longo deste trabalho tem uma forma de visualizar a questão que envolve a criação de um único país na península coreana. Para que se pudesse analisar de uma forma mais precisa as diferentes abordagens, foi necessário mostrar que o principal óbice para esta reunificação, recai na questão do sistema ideológico que é adotado pela Coreia do Norte, que utiliza a política de ameaça para atingir seus objetivos nacionais, que se baseiam fundamentalmente na manutenção do pensamento Juche, dificultando assim o desenrolar deste processo.

Do outro lado da fronteira, a Coreia do Sul vive em constante situação de alerta devido às ameaças de seu vizinho do norte. Esta situação de insegurança, aliada ao maior poder econômico do sul, propulsiona o sul em direção a buscar uma reaproximação entre os dois países, para ter assim uma garantia de reunificação cultural de pessoas de mesma origem. Ao longo do trabalho foram apresentadas ações concretas para preparar esta provável reunificação, tais como a criação do Ministério da Reunificação e a adoção da Política Sunshine, demonstrando a posição favorável do sul no que se refere a uma reunificação com o Norte.

Analisando o interesse externo na questão, o Japão aparentemente tem grande interesse em uma reunificação, inclusive sendo um provedor financeiro, pois o resultado que poderá advir desta reunificação proporcionaria ao Japão a possibilidade de alcançar uma razoável segurança no que se refere a uma agressão por parte da Coreia do Norte. Entretanto, nas entrelinhas fica difícil crer que o Japão realmente queira que ocorra esta reunificação, pois isto poderia fazer surgir uma nova potência militar e econômica que rivalizaria com ele pela a influência regional, além das suscetibilidades existentes em razão da histórica ocupação japonesa na península.

O grande papel representado pelos EUA, como a mais rica e forte nação do mundo, é incontestavelmente, o que representa maior peso neste jogo a respeito da reunificação. Os americanos deixam claro seu interesse na reunificação da península e na afirmação como potência na região, desde que a ideologia do norte não contamine o sul. Assim sendo, o financiamento americano é fundamental para que a reunificação possa ser efetivada e para que a região alcance a tão sonhada estabilidade no que se refere à segurança.

Do exposto, verifica-se que uma possível reunificação fica condicionada principalmente a que a Coreia do Norte concorde em ceder no que se refere à manutenção de seu sistema político. Aliado a isto, sem o patrocínio dos Estados

Unidos e do Japão, dificilmente o sul conseguiria suportar tão oneroso processo, o que fatalmente inviabilizaria uma unificação pacífica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a História: História Geral e História do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BAE, Jong-Yun. **South Korea Strategic Thinking toward North Korea: The Evolution of the Engagement Policy and Its Impact upon U.S. – ROK Relations**. Asian Survey. University of California Press. 2010. Disponível em: <http://www.socsc.hku.hk/sigc/gc2013/pdf/Reading%20Materials_Seoul/Lecture%202a_Changyong%20Choi.pdf> Acesso: 07 Jul 13.

BBC NEWS. **South-North Joint Declaration**. Pyongyang. 15 June 2000. Disponível em: < <http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/791691.stm> > Acesso: 06 Jul 13.

BBC NEWS. **Sunset for Korea Sunshine Policy?** London, 28 Mar 2008. Disponível em: < <http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/7317086.stm>> Acesso: 06 Jul 13.

BEDESKI, Robert E. **Sino-Korean Relations: Triangle of Tension, or Balancing a Divided Peninsula?** International Journal, v.50, n.3, p. 516-538. Canadian International Council, 1995. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/40203020>> Acesso: 10 Jul 13.

BONFIM, Uraci Castro. **Geopolítica**. Rio de Janeiro. CPEAEx. ECEME. 2005.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. World Factbook. **Korea North**. Last update: 10 Jul 2013. Disponível em: < <http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/kn.html>> Acesso: 13 Jul 13.

CERVO, Amado Luiz. O Final do Século XX e o Início do Século XXI: Dificuldades para Construção de uma Ordem Global. In: SARAIVA, José Flávio Sombra (org.). **História das Relações Internacionais Contemporâneas: da Sociedade Internacional do Século XIX à Era da Globalização**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

COGHLAN, Colonel David. **Prospects from Korean Reunification**. Washington DC: US Government, 2008. Disponível em: < <http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pdffiles/pub859.pdf>> Acesso: 08 Jul 13.

DEPARTMENT OF STATE. **Congressional Budget Justification: Fiscal Year 2012**. Washington DC: Department of State, 2012. Disponível em: < <http://www.state.gov/f/releases/iab/fy2012cbj/pdf/>> Acesso: 08 Jul 13.

EBERSTADT, Nicholas. **Hastening Korean Reunification**. Foreign Affairs. v. 76, n. 2, p. 77-92, Council on Foreign Relations, 1997. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/20047938>> Acesso: 07 Jul 13.

FUNKE, Michael; STRULIK, Holger. **Growth and Convergence in a Two Region Model: The Hypothetical Case of Korean Unification**. International Monetary Fund Working Paper, 2002. Disponível em: < <http://www.imf.org/external/pubs/ft/wp/2002/wp0226.pdf>> Acesso: 09 Jul 13.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GREGORY, Paul Roderick. **Korean Unification: Do Not Be Surprised If It Comes Soon**. Forbes. 14 Abr 13. Disponível em: < <http://www.forbes.com/sites/paulroderickgregory/2013/04/14/korean-unification-do-not-be-surprised-if-it-comes-soon/>> Acesso: 11 Jul 13.

HARLAN, Chico. **Starving N. Korea begs for food, but U.S. has concerns about resuming aid**. The Washington Post, 22 February 2011. Disponível em: < <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2011/02/19/AR2011021901953.html>> Acesso: 07 Jul 13.

JI, Young-Sun. **Conflicting Vision for Korean Reunification**. Harvard University, 2001. Disponível em: <<http://programs.wcfia.harvard.edu/files/fellows/files/ji.pdf>> Acesso: 12 Jul 13.

KAPLAN, Robert D. **When North Korea Falls**. The Atlantic, Out 2006. Disponível em: < <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2006/10/when-north-korea-falls/30528/>> Acesso: 06 Jul 13.

KIM, Sung-han. **South Korea-U.S. Relations: Concerns and Prospects**. Korea Focus, Korea Foundation, Seul, 2000. Disponível em: < http://www.koreafocus.or.kr/design1/layout/content_print.asp?group_id=565> Acesso: 06 Jul 13.

KOH, Yu-hwan. **Unification Policies of two Koreas and Outlook for Unit**. Korea Focus, The Korea Foundation, Seul, 2000. Disponível em: <http://www.koreafocus.or.kr/design1/layout/content_print.asp?group_id=566> Acesso: 06 Jul 13.

LE MONDE DIPLOMATIQUE. **North-South Joint Communiqué**, Pyongyang, 4 Jul 1972. Disponível em: < <http://www.monde-diplomatique.fr/dossiers/coree/A/coree72>> Acesso: 06 Jul 13.

LEE, Sunny. **U.S. – Asia Geopolitical Strategy: In Terms of the Korean Peninsula**. Southwest Political Science Association Annual Conference, Las Vegas, Mar 2008. Disponível em: < http://citation.allacademic.com/meta/p_mla_apa_research_citation/2/6/7/5/3/pages267534/p267534-1.php> Acesso: 07 Jul 13.

MAFRA, Roberto Machado de Oliveira. **Geopolítica: Introdução ao Estudo**. 1. ed São Paulo: Sicurezza, 2006.

MARTINS, Marco Antonio Gonçalves Barbas Batista. **As duas Coreias: zona crítica de tensão internacional**. In Janus 2011-2012, Lisboa. Público e Universidade Autónoma de Lisboa, 2011. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10174/2937>> Acesso: 06 Jul 13.

MOON, Chung-In. **South Korea in 2009: from Setbacks to Reversal**. Asian Survey. University of California, 2010 Disponível em: < <http://empac.ucsd.edu/assets/006/11361.pdf>> Acesso: 08 Jul 13

OLIVEIRA, Henrique Altemani. A Ásia na atual conjuntura mundial. In: OLIVEIRA, Henrique Altemani; LESSA, Antônio Carlos (Org.). **Política internacional contemporânea: mundo em transformação**. São Paulo: Saraiva, 2006.

PAN, Esther. **Japan's Relationship with South Korea**. Council on Foreign Relations. 27 Out 2005. Disponível em: < <http://www.cfr.org/japan/japans-relationship-south-korea/p9108>> Acesso: 07 Jul 13.

PERLEZ, Jane. **US will Restart Wide Negotiations With North Korea**. The New York Times, 7 Jun 2001. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2001/06/07/world/us-will-restart-wide-negotiations-with-north-korea.html>> Acesso: 08 Jul 13.

SANG-HUN, Choe. **Economic Measures by North Korea Prompt New Hardships and Unrest**. The New York Times. 3 Fev 2010. Disponível em: < http://www.nytimes.com/2010/02/04/world/asia/04korea.html?_r=0> Acesso: 10 Jul 13.

SHAPLEN, Jason T.; LANEY, James. **Washington's Eastern Sunset: The Decline of U.S. Power in Northeast Asia**. Foreign Affairs. Council on Foreign Relations. Nov/Dez 2007. Disponível em: < <http://www.foreignaffairs.com/articles/63012/jason-t-shaplen-and-james-laney/washingtons-eastern-sunset> > Acesso: 06 Jul 13.

U.S. Census Bureau. **U.S. Foreign and Economic Military Aid by Major Recipient Country**. Statistical Abstract. Washington, D.C.: U.S. Census Bureau, 2011. Disponível em: < <http://www.census.gov/compendia/statab/2011>> Acesso: 12 Jul 13.

VERGARA, Silvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em administração**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

WANG, Fei-Ling. **Joining the Major Powers for the Status Quo: China's Views and Policy on Korean Reunification**. Pacific Affairs, University of British Columbia, v. 72, n. 2, p. 167-185. 1999. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/2672118>> Acesso: 09 Jul 13.

The reunification of the Korean peninsula: an approach of the Western view

ABSTRACT

The Korean reunification is one of the most critical issues of the post-Cold War. Not just for the Korean peninsula, but also to the States with interests in the region. Interests are as varied as possible, involving political, economic and security. Thus, as a tool to analyze the issue, we attempted to perform an approach from the point of view of North Korea, South Korea, Japan and the United States, participants in the Six Party Talks. Thus, a stable process of reunification could mean the emergence of an advanced economy and a political system that could contribute to regional and global peace, prosperity and democracy. Thus, this study examines the possibility of reunification of the Korean peninsula, trying to justify this question based on Geopolitical Theories, identifying state policy influenced by the conditions of geographic spaces.

Keywords: reunification, North Korea, South Korea, Geopolitical Theories.

La reunificación de la península coreana: una aproximación a la visión occidental

RESUMEN

La reunificación de Corea es uno de los problemas más críticos de la Guerra Fría. No sólo para la península coreana, sino también para los Estados con intereses en la región. Los intereses son tan variados como sea posible, con la participación política, económica y de seguridad. Por lo tanto, como una herramienta para analizar el tema, se intentó llevar a cabo una aproximación desde el punto de vista de Corea del Norte, Corea del Sur, Japón y los Estados Unidos, los participantes en las conversaciones de las seis partes. Por lo tanto, un proceso estable de la reunificación podría significar la aparición de una economía avanzada y un sistema político que podría venir a contribuir a la paz regional y mundial, la prosperidad y la democracia. Por lo tanto, este estudio examina la posibilidad de la reunificación de la península coreana, tratando de justificar esta cuestión sobre la base de las teorías geopolíticas, la identificación de las políticas del estado influenciada por las condiciones de los espacios geográficos.

Palabras clave: la reunificación, Corea del Norte, Corea del Sur, las teorías geopolíticas.